



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## OS JARGÕES MILITARES

**Autora:** Jane Josefa da Silva Camilo<sup>1</sup>

**Autora:** Karine Pedroza<sup>2</sup>

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

### RESUMO

A cidade de Cáceres está situada ao oeste do Estado de Mato Grosso, distante a 210 km da capital Cuiabá e a 90 km da fronteira com a Bolívia tem sua fundação datada de 06 de outubro de 1778. Desde a fundação da então, Vila Maria do Paraguay, a população era constituída de índios, negros escravos, portugueses e espanhóis, além dos missionários franceses. A presença militar sempre foi uma constante, por ser área de fronteira, desde o século XVIII até as primeiras décadas do século XX, a cidade recebeu unidades do Exército Nacional, que fez com que a “cidade não se configurasse apenas como um entreposto comercial, mas também como um espaço importante no cenário econômico e estratégico na região de fronteira de Mato Grosso com a Bolívia”. Considerando a história que permeia a cidade, no que se refere a presença constante dos militares nesse município é que resolvemos trabalhar com a linguagem militar existente no batalhão Cáceres-MT, partindo do pressuposto que a linguagem militar, é considerada uma subcategoria das linguagens técnicas, também denominada de jargões ou linguagem especial. Para tanto, utilizaremos como base teoria a Sociolinguística desenvolvida por Labov, na década de 1960, sendo esta, uma Sociolinguística quantitativa, para quem a língua é constituída por um conjunto de fenômenos não estritamente linguístico, mas também extralinguístico, ou seja, tudo que se tem como objeto de estudos, é a manifestação da linguagem no contexto social e sobretudo em situações informais.

Palavras-chave: Cáceres. Linguagem profissional. Sociolinguística.

A cidade de Cáceres, situada ao oeste do estado de Mato Grosso, distante a 210 km da capital Cuiabá e a 90 km da fronteira com a Bolívia tem sua fundação datada de 06 de outubro de 1778. Desde a fundação da então, Vila Maria do Paraguay, a população era constituída de índios, negros escravos, portugueses e espanhóis, além dos missionários franceses.

A presença militar sempre foi uma constante, por ser área de fronteira, desde o século XVIII até as primeiras décadas do século XX, a cidade recebeu unidades do Exército Nacional, o que de acordo com Silva Paula (2008, p.32), fez com que “a cidade não se configurasse apenas como um entreposto comercial,

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Linguística.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Linguística.

mas também como um espaço importante no cenário econômico e estratégico na região de fronteira de Mato Grosso com a Bolívia”.

De acordo com Silva Paula (2008, p. 41) foi apenas a partir de 07 de maio de 1937, que a 2ª Companhia de Fronteira, passou a funcionar administrativamente na cidade de São Luiz de Cáceres, com um efetivo de 150 homens, como parte integrante do 2º Batalhão de Fronteira. O autor ainda afirma que:

Imediatamente após a efetivação das unidades de fronteira, Getúlio Vargas vai criar através do Decreto-Lei nº 1351, 16 de junho de 1939, as Colônias Militares de Fronteira, cujo objetivo visava propiciar a ocupação da faixa de 150 quilômetros referido no artigo 165 da Constituição Federal de 1937.

Dessa forma, Bisinoto (2007, p.10), frisa a importância dos militares, pois, “as guarnições e os batalhões do Exército Nacional que se sucedem na região trouxeram – e ainda trazem – migrantes das mais diferentes regiões do país”.

Considerando a história que permeia a cidade, no que se refere a presença constante dos militares nesse município é que resolvemos trabalhar com a linguagem militar existente no batalhão Cáceres-MT, partindo do pressuposto que a linguagem militar, é considerada uma subcategoria das linguagens técnicas, também denominada de jargões ou linguagem especial como afirma Camacho (*apud* Mussalim e Bentes 2011, p.59):

trata-se de uma linguagem especial que contrasta e consiste em variedades dialetais próprias das diversas subcomunidades linguísticas, cujos membros compartilham uma forma especial de atividade, profissional sobretudo, mas também científica e lúdica. Os jargões científicos, as gírias são subcategorias compreendidas no âmbito das linguagens técnicas ou especiais.

Para tanto, utilizaremos como base teoria a Sociolinguística desenvolvida por Labov, na década de 1960, sendo esta, uma Sociolinguística quantitativa, para quem a língua é constituída por um conjunto de fenômenos não estritamente linguístico, mas também extralinguístico<sup>3</sup>, ou seja, tudo que se tem como objeto de estudos, é a manifestação da linguagem no contexto social e sobretudo em situações informais.

Mollica (2010, p. 09) ainda enfatiza que a sociolinguística é uma ciência que se encontra num espaço interdisciplinar, focalizando os empregos linguísticos concretos. Uma vez que, todas as línguas são heterogêneas. Isto é, as línguas apresentam um dinamismo inerente, “encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do

<sup>3</sup> Camacho *apud* Mussalim. 2011, p. 66.

sistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.” O objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

Segundo Alkmim (2011 p. 31) “uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”. Ou seja, as comunidades linguísticas, quanto estudadas, logo podemos constatar a presença da diversidade da variação. A caracterização de toda comunidade é feita pelo emprego de distintas maneiras de falar, isto é, segundo a Sociolinguística, a chamada variedade linguística.

Toda e qualquer língua falada por qualquer indivíduo ou comunidade, apresentará variações, mesmo que essas línguas apresentem uma unidade homogênea, pois, qualquer língua é concebida por um contíguo diversificado. Ainda segundo a autora (idem, p. 33) “língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Entretanto, Bright (apud Alkmim), que define as categorias para variação, diz que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, que consiste em:

- a) identidade social do emissor ou falante (estudo de dialetos de classes sociais); b) identidade social do receptor ou ouvinte (estudo das formas de tratamento); c) o contexto social (estudo das diferenças entre a forma e a função do estilo formal e informal e d) o julgamento social distinto que os falantes fogem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas. (2011, p. 29)

Tomaremos como *corpus* para este trabalho, questionários de dados da linguagem militar, também chamado de jargões profissionais. Para tanto, utilizaremos duas variáveis independentes que consiste em: gênero/sexo e escolaridade.

Os gêneros masculinos e femininos são procedentes de uma construção histórica cultural e social, a Sociolinguística considera a diferença entre a fala de homens e mulheres um fator condicionante da heterogeneidade linguística. Segundo Leite e Callou (2010, p. 36) “só mais recentemente as mulheres passaram a ter um papel economicamente mais ativo nos grandes centros urbanos.” Cabe ressaltar que para esta pesquisa utilizaremos dados de apenas 03 mulheres por serem as únicas do quadro militar do 2º Batalhão, enquanto que os homens são 897 no quadro em efetivo exercício.

O questionário aplicado foi constituído de 18 perguntas, sendo 15 objetivas referentes ao léxico e 03 subjetivas referentes a compreensão da linguagem militar. Na pesquisa utilizaremos 03 indivíduos do sexo feminino e 03 do sexo masculino.

De acordo com Macedo (*apud* Mollica, p. 59) o tipo de contexto pode influenciar o modo como a linguagem é usada, pois tanto os aspectos internos ao discurso como os relativos à situação social em que o discurso se realiza podem ser rotulados como contexto. Entendendo por situação social a forma como duas ou mais pessoas relacionadas entre si de maneira particular se comunicam sobre um determinado assunto, em um lugar determinado, ou seja, a interação (quem fala com quem) e o lugar (mais ou menos formal).

Observemos nas tabelas abaixo como se dá a linguagem militar dentro do contexto profissional.

			<b>Sequência das Questões</b>	<b>Respostas</b>	<b>N.º de ocorrência</b>
<b>03 indivíduos do Gênero/Sexo masculino foram entrevistados</b>	<b>Faixa etária – de 20 a 30 - 31 a 40 - e acima de 40</b>	<b>Escolaridade – Nível Médio e Superior</b>	1.	Laranjeira	03
			2.	Boca podre	02
				Rolha	02
			3.	Embromador	01
				Golpista	01
				Acochambar	02
				Moita	01
			4.	Furriel	02
				Estafeta	03
				Fiscal	01
			5.	Rancho	03
				Cassino	02
6.	Escala Preta e Escola Vermelha	03			
7.	Acantonamento	01			
	Campo	01			
8.	Catanho	03			
	Ração	01			
9.	Missão cumprida	02			
	Formatura	01			
10.	recruta	3			
11.	Cobertura	02			
	Gorro	03			
12.	Celotex	02			

				Quadro Mural	02
			13.	Viatura	03
			14.	--	--
			15.	Bizu	03
<b>Total de Ocorrências</b>					<b>50</b>

Quadro 03 – Tabela Masculina

03 indivíduos do Gênero/Sexo Feminino foram entrevistados	Faixa etária – de 31 a 40 e acima de 40	Escolaridade – Nível Médio e Superior	Sequência das Questões	Respostas	N.º de ocorrência
			1.	Laranjeira	03
			2.	Boca podre	02
				Rolha	01
			3.	Safo	01
				Acochambrar	02
				Moita	01
			4.	Furriel	03
			5.	Rancho	03
			6.	Escala Preta e Escola Vermelha	03
			7.	Acantonamento	03
				Bivaque	01
			8.	Catanho	02
				Ração	01
			9.	Missão cumprida	03
			10.	recruta--	03
11.	Cobertura	03			
	Gorro	01			
12.	Celotex	03			
13.	Viatura	02			
	Carro combate	01			
14.	--	--			
15.	Bizu	03			
<b>Total de Ocorrências</b>					<b>42</b>

Quadro 02 – Tabela Feminina

RESULTADO OBTIVOS COM BASE NAS RESPOSTAS		
Sequência das	Respostas	N.º de ocorrência

Questões		
1.	Laranjeira	06
2.	Rolha	03
	Boca Podre	03
3.	Embromador	01
	Moita	02
	Golpista	02
	Acochambrador	03
	Safo	01
4.	Furriel	04
	Estafeta	03
	Fiscal	01
5.	Rancho	05
	Cassino	02
6.	Escala Preta e Escala Vermelha	05
7.	Acantonamento	03
	Campo	02
	Bivaque	01
8.	Catanho	05
	Ração	02
9.	Formatura	01
	Missão cumprida	05
10.	Recruta	03
11.	Gorro	03
	Cobertura	04
12.	Celotex	05
	Quadro mural	02
13.	Viatura	04
	Carro combate	01
14.	---	---
15.	Bizu	05
<b>Total de ocorrência</b>		<b>84</b>

Quadro 01 – Tabela Geral referente ao número de expressões utilizadas no ambiente militar.

Paiva (*apud* Mollica 2010, p. 41) frisa que qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado. Especificamente nesta

<sup>4</sup> Em relação ao uniforme todos os inquiridos responderam em forma de número. Educação Física 5º A; Instrução 4ºB; Passeio 3º D; Gala 2º A e 2º B; por isso entendemos melhor não coloca-los na tabela.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



pesquisa, pudemos constatar que as mulheres utilizam-se do linguajar militar diluindo as fronteiras entre papéis feminino e masculinos, uma vez que devido ao trabalho compartilhado houve uma neutralização do efeito variável gênero / sexo, pois os inquiridos demonstraram o uso do mesmo léxico.

Constatamos ainda uma estigmatização da linguagem pelos próprios militares, pois foram unânimes em afirmar que só usam a linguagem militar em seu contexto, porém 12% disseram que precisam explicar aos “civis” algumas palavras por não serem compreendidos. Pois, de acordo com Paiva as variantes estigmatizadas pela comunidade de fala possuem a função de garantir a identidade do indivíduo com determinado grupo social:

Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral. (*Idem*, p.40)

Conforme pudemos constatar na resposta da seguinte pergunta:

- <sup>5</sup>P. 17 O senhor(a) costuma usar a linguagem militar:
- a) No trabalho: ( )
  - b) Em casa: ( )
  - c) No dia-a-dia ( )
  - d) Não percebo quando uso a linguagem militar: ( )
  - e)

Demonstrando uma negação do uso da linguagem militar fora do contexto profissional, 70% dos inquiridos responderam que utilizam a linguagem militar apenas no trabalho e 30% não percebem quando usam os jargões militares.

Quanto ao grau de escolaridade foi constatado neste trabalho que os militares de nível superior apresentaram mais dificuldades em adaptar-se com a linguagem militar, 12% disseram não compreender algumas expressões utilizadas. Os inquiridos de nível médio não perceberam muita diferença entre a linguagem utilizada por eles e o linguajar militar. O que de acordo com Votre (*apud* Mollica 2010, p.51) “reforça que as formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico”.

---

<sup>5</sup> Pergunta subjetiva referente a análise da linguagem militar.

Calvet (2002) assegura que a língua conhece variações em três eixos: variações diastráticas (correlatas ao grupo social), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas a faixa etária). O autor exemplifica que

não existe razão linguística alguma para considerar a gíria separada da língua. Todos os *corpora* de gírias nos mostram que essas formas diferem essencialmente da língua padrão por seu léxico, e essas diferenças lexicais baseiam-se em princípios produtivos que são estritamente os da língua. (*Idem*, p. 112)

Para o referido autor, o que se chama de gíria é um conjunto de práticas linguísticas caracterizado por alguns traços sintáticos, que conserva sempre a matriz semântica de base. Se tomarmos como exemplo a linguagem militar, como nos mostra a pergunta n. 01<sup>6</sup> em que todos responderam “Laranjeira”, não se limita ao vocabulário da gíria, mas permitem derivar a partir de uma metáfora inicial toda uma série de signos linguísticos, ou seja, quem mora no quartel é comparado metaforicamente com uma árvore, não sai do lugar.

Segundo o americano Alan Cope<sup>7</sup> quase toda terminologia militar anglo-saxã vem do francês e latim. As graduações, por exemplo - general, capitão, tenente e sargento - são iguais em francês. É interessante perceber que o próprio termo *jargon* tem origem francesa, significando uma linguagem pouco compreensível, em muitos casos por ser específica de determinado grupo profissional ou sociocultural.

### Considerações finais

A linguagem militar, ou jargões militares, nos fez refletir sobre a heterogeneidade da língua, e perceber que a avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala, mas, são julgamentos de natureza política e social. Como afirma Alkmim (2011, p.41) “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.”

Para a Sociolinguística, existe sempre um conjunto de variedades linguísticas em circulação no meio social, aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades.

<sup>6</sup> Questão 1. Como é denominado o militar que ‘mora’ no quartel?

<sup>7</sup> O americano Alan Cope (1925-1999) descreve peculiaridades do jargão militar de seu tempo em sua obra intitulada “A Guerra de Alan”.



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



## ANEXO

### DADOS SOCIAIS

**Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino

**Faixa etária:** ( ) 20 a 30 ( ) 31 a 40 ( ) acima de 40

**Escolaridade:** ( ) Fundamental ( ) Médio ( ) Superior

### QUESTIONÁRIO

1. Como é chamado o militar que “mora” no quartel?

---

---

2. Como é denominada uma missão desagradável?

---

---

3. Como é chamado o militar que arranja desculpa para não trabalhar?

---

---

4. Como é chamado quem tem a função de pagar ou cobrar as contas?

---

---

5. Como se chama o refeitório dos militares?

---

---

6. Há diferença nos nomes dos dias da escala de serviço? ( ) Sim ( ) Não

a) De segunda-feira a sexta-feira: \_\_\_\_\_

b) Sábado, domingo ou feriado: \_\_\_\_\_

7. Como é denominado o acampamento sem barraca?

---

---

8. Como se chama o lanche que o militar recebe para a missão?

---

---



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



9. Quando uma missão é cumprida o que é feito em seguida?

---

---

---

10. Como é chamado o indivíduo que ingressa na carreira militar?

---

---

---

11. Como é denominado o quepe ou capacete?

---

---

---

12. Como é o nome do local onde se coloca os avisos?

---

---

---

13. Como é denominado o carro militar?

---

---

---

14. Quais os nomes do uniformes:

- a) Educação Física: \_\_\_\_\_
- b) Instrução: \_\_\_\_\_
- c) Passeio: \_\_\_\_\_
- d) Gala: \_\_\_\_\_

15. Qual a denominação para a palavra dica?

---

---

---

16. Quando o(a) senhor(a) ingressou no exército sentiu dificuldades na compreensão da linguagem militar?  
Aponte alguns termos/expressões que encontrou dificuldade.

---

---

---

---

17. O senhor(a) costuma usar a linguagem militar:

- a) No trabalho: ( )
- b) Em casa: ( )



EDIÇÃO 15 – 1º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2013



c) No dia-a-dia: ( )

d) Não percebo quando uso a linguagem militar: ( )

18. Por se tratar de uma linguagem militar, já ocorreu de alguma pessoa não compreender o que o senhor(a) falou? Quais termos/expressões não foram compreendidos?

---

---

## REFERÊNCIAS

BENTES, Anna Christina. Introdução à sociolinguística: domínios e fronteiras, v. 1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 9. Ed – São Paulo: Cortez, 2011. (p. 21 à 47).

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório. Campinas-SP: Pontes Editora, RG Editores, 2007.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo-SP: Parábola, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (orgs.) – 4 ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA PAULA, Sandro Miguel da. Soldados de Fronteira: Memórias e narrativas da criação do 2º Batalhão de Fronteira. Cáceres-MT: Ed Autor, 2008.

YONNE, Leite. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro – SP: Zahar, 4ª Ed. 2010.